

¹A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

***Josela Veber Ribeiro**

****Orientador Professor Doutor Gabriel De Ávila Othero**

Resumo: Este artigo trata das dificuldades que os alunos têm em escrever na norma padrão ou culta da língua portuguesa, porque usam no dia a dia a língua coloquial. Eles não estão habituados com a língua formal, sendo essas dificuldades consequências de vários fatores que as influenciam: culturais, sociais ou históricas, que constituem as variações linguísticas. Mostrar aos alunos as variações linguísticas é importante para que compreendam essas mudanças e tenham condições de reescrever a fala passando-a da língua coloquial para a língua culta. O estudo apresenta cinco livros didáticos de séries diferentes, com o conteúdo sobre variação linguística, e como esse conteúdo pode auxiliar os professores e alunos no processo de ensino aprendizagem. O resultado é que não basta os livros apresentarem os conteúdos de variação linguística, é preciso que haja aplicação efetiva entre esse conhecimento linguístico e a prática que contemple o mundo de referência do aluno.

Palavras-chave: variação linguística, ensino, livro didático

Introdução

A língua é uma construção humana, não é uma ferramenta pronta que se usa para obter resultados. Ela é o processo e o produto. Esse processo é tão espontâneo que o falante nem percebe quando o faz, pois o cérebro dá conta desse planejamento.

Falar a língua materna é uma competência que qualquer ser humano tem (MORAES, 2005). Os linguistas defendem que escrever é uma competência aprendida, porque ninguém nasce sabendo. Sendo assim, é preciso aprender, exercitar, treinar.

No contexto de sala de aula, enquanto alguns autores defendem que o ato de escrever deve seguir a norma culta, outros defendem que o texto, mesmo não seguindo as normas, deve ser aceito se o aluno conseguir expressar claramente suas ideias.

O grande problema encontrado nas escolas é que os alunos não sabem escrever porque não têm o hábito de leitura e conseqüentemente desconhecem a grafia de muitas

¹ *Pós-graduanda

****Orientador Professor Doutor do curso de Especialização da UFRGS**

palavras, por isso fica difícil transferir a língua falada para a língua escrita e expor seu raciocínio.

No trabalho realizado em sala de aula, percebe-se que cada aluno chega até a escola com falas diversificadas, fazendo uso da língua coloquial e conseqüentemente quando transfere essa fala para a escrita. Isso dificulta o entendimento, porque eles pertencem a comunidades culturais diferentes. E isso também justifica o porquê de tantos alunos ainda não saberem escrever na norma padrão ou culta.

Levando em conta essas considerações, este artigo tem por objetivo mostrar que, diferentemente da fala, a escrita surge de um processo de aprendizagem formal e requer procedimentos pedagógicos e prática contínua. Esse é um estudo sobre a variação linguística e ensino de língua materna, o que é e como se dá esse processo, verificando como os PCNs orientam o conteúdo sobre essa variação e como apresentam sugestões para o professor trabalhar em sala de aula. E, por último, a análise em cinco livros didáticos de língua portuguesa para verificar como a variação linguística é abordada e de que forma pode auxiliar professor e aluno nesse processo de ensino aprendizagem. E também verificar se o conteúdo sobre variação linguística é a solução para esse problema.

1. Variação linguística e ensino de língua materna

Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de pessoas que a emprega. Quando esta deixar de atender às necessidades dessas pessoas, sofrerá transformações para se adequar, porque nenhuma língua é falada do mesmo jeito. Muitas pessoas não aprendem a ler e escrever, mas são falantes da língua materna.

As línguas evoluem com o tempo, se transformam, não envelhecem, mas adquirem novos valores sociolinguísticos. A língua é um desafio das gerações tanto quanto das classes sociais.

As pessoas julgam a língua falada tendo como referência a língua escrita literária. Conseqüentemente, como são numerosas as regras da linguagem escrita, as pessoas que tradicionalmente leem pouco são rotuladas de ignorantes.

Nem mesmo a prática de ensino indicada em vários livros didáticos e, inclusive, nos PCNs, é aplicada por existir um desconhecimento de uso da linguagem.

O português falado no Brasil apresenta diversas variedades linguísticas, resultado das diferenças sociais materializadas na língua através da história e da imensa área que o país ocupa geograficamente. Os falantes são corrigidos como se a língua que falam ou

escrevem não fosse a mesma, e a escola não leva em conta que a aprendizagem linguística acontece em meio às relações humanas, ao contrário do que afirma Marcos Bagno:

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da *identidade* cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar *os seres humanos que a falam*, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes – é preciso mostrar, em sala de aula e fora dela, que a língua varia tanto quanto a sociedade varia, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que o idioma oferece a seus falantes; também é preciso evitar a prática distorcida de apresentar a variação como se ela existisse apenas nos meios rurais ou menos escolarizados, como se também não houvesse variação (e mudança) linguística entre os falantes urbanos, socialmente prestigiados e altamente escolarizados, inclusive nos gêneros escritos mais monitorados.

(BAGNO, 1999, p. 16)

O aprendizado da língua falada é anterior ao aprendizado da língua escrita. Muitas pessoas morrem sem jamais terem aprendido a ler e a escrever. No entanto, não se pode negar que são falantes da língua. O que elas precisam é desenvolver o conhecimento prévio e aprender novos e diferenciados usos daquilo que já possuem.

As práticas de ensino variam de região para região, de escola para escola e de professor para professor. Para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua padrão, a escola precisa evitar o discurso de que “o português é uma língua difícil”. O que realmente precisa ser feito é acompanhar a escrita do aluno para ajudá-lo a compreender esse processo.

Acompanhando esse movimento, muitas editoras têm produzido material didático que aborda a discussão sobre variação linguística para auxiliar os docentes a introduzir o assunto durante o processo de ensino aprendizagem da língua portuguesa. Isso porque o problema está no modo como ela ainda é ensinada de maneira tradicional: com foco na gramática, sem discutir as questões de variação linguística e valorizando apenas a norma culta. Livros didáticos que apresentam informações sobre variação devem ser explorados em sala de aula para introduzir e esclarecer o assunto. É preciso ensinar que um mesmo vocábulo pode ser pronunciado de diferentes formas. A palavra “leite”, por exemplo, pode ser dita como “lei/tʃi/” ou “leit/e/”, considerando-se a região onde o falante está inserido. Quanto ao léxico, assim como um carioca usa a palavra “garoto” para referir-se a um jovem, um gaúcho dirá “guri” e assim consecutivamente. Enquanto um jornalista apresenta

num telejornal a notícia de que “as passagens de avião aumentarão de preço durante os jogos da Copa do Mundo no Brasil”, utilizando todas as marcas de concordância de número, essa mesma informação poderá ser dita por um cidadão comum de periferia da seguinte forma “as passagem de avião vai aumentar de preço durante os jogo da copa do mundo no Brasil”. Cabe ao professor mostrar com esses exemplos que não há certo ou errado no uso da língua, o que há na verdade é uma forma adequada ou inadequada de usar a linguagem num determinado contexto.

Em outras palavras, o professor de português deve ensinar aos alunos o que é uma língua, quais as propriedades e usos que ela realmente tem, qual é o comportamento da sociedade e dos indivíduos com relação aos usos linguísticos, nas mais variadas situações de suas vidas. Cagliari (1992).

A língua materna é adquirida pela criança de maneira natural e espontânea e, por isso, ela a domina plenamente. A língua escrita precisa de exercício, treinamento, memorização. Escrever bem requer o domínio de várias habilidades, e o aluno precisa ter consciência dos diferentes tipos de textos e das múltiplas operações que constituem cada um deles.

Escrever é uma atividade que consiste em ordenar ideias para depois organizá-las de forma precisa. Logo, o aluno não necessita escrever como um escritor experiente, mas conseguir expressar com clareza aquilo que quer dizer. Para o aluno, é importante que ele compreenda os objetivos do texto, o provável leitor e a forma de correção que será utilizada e de preferência que esse desafio de escrever um texto não tenha somente o valor quantitativo da avaliação, mas também qualitativo. Assim, o aluno terá prazer em revisar seu texto e entender o valor desse processo.

Outra questão fundamental para entender a variação linguística e para escrever bem é o problema da falta de leitura dos aprendizes. Segundo o pesquisador Gastaldo (apud MORAES, 2005), a falta de leitura dificulta o desenvolvimento da expressão escrita, fazendo com que os alunos tenham um vocabulário restrito. Essa falta de habilidade se percebe ao se expressarem na forma escrita, o que não pode ser considerada fruto de desconhecimento da língua.

A aprendizagem, segundo Smith (apud MORAES, 2005), é inconsciente, sem esforços, acidental, indireta e essencialmente cooperativa. Para ele, se aprende a todo instante, com qualquer pessoa, sem perceber, com uma conversa qualquer ou uma música. O cérebro processa tudo o que chega por meio dos sentidos.

Escrita e leitura estão intimamente relacionadas. Por isso, a leitura deve ser prioridade na sala de aula, para que o aluno adquira o hábito no seu dia a dia e esse estimule sua curiosidade.

A escola deve usar a tecnologia a seu favor, por exemplo, utilizando os laboratórios de informática, para que o aluno aprenda a pesquisar sobre diferentes temas antes de começar a escrever. Essa prática é de grande valor, pois contribui para que o aluno tenha prazer em descobrir as coisas e seja independente na construção do seu conhecimento.

Escrever bem, para Perini (2007), é algo que não tem respostas verdadeiramente satisfatórias a ponto de serem aceitas pela maioria dos pesquisadores. Isso porque há muitas diferenças gramaticais nos diferentes gêneros textuais, como por exemplo, um jornal, um romance, um poema. Todos esses gêneros são exemplos do português escrito; porém, podem apresentar diferentes graus de formalidade e vocabulário com diferenças de ordem regional e da época em que foram escritos. Uma das finalidades do ensino gramatical é, portanto, mostrar ao estudante a sua língua, a qual ele deve aprender a usar, seja lendo ou escrevendo. O autor afirma que mesmo que sejam poucos os estudantes que chegarão a adquirir o hábito de ler textos literários e jornalísticos, eles devem ler o suficiente para participar da vida política de sua comunidade e do país, posicionando-se como cidadãos críticos.

Considerando esses aspectos, cabe ao professor de português entrar em sala de aula não apenas como docente, mas, principalmente, como mediador de conversas entre as diferentes disciplinas, construindo a interdisciplinaridade através da linguagem.

A língua escrita é, para muitos brasileiros, uma segunda língua. Perini (2007) propõe ensinar a partir do fato de que se está diante de pelo menos duas línguas: a língua falada e a língua escrita - cada qual com sua gramática. Sua proposta é usar o conhecimento que o aluno possui para ensiná-lo a raciocinar, a formular hipóteses, a pensar criticamente. Por isso, entender o processo de aquisição de uma língua é fundamental. Sendo assim, conforme Britto (1997), o papel da escola deve ser o de garantir ao aluno o acesso à escrita e aos discursos que se organizam a partir dela.

Os profissionais, principalmente da área da educação, precisam constantemente atualizar-se e aperfeiçoar-se, precisam saber mais e mais, porque as técnicas evoluem com certa velocidade, e o ser humano tem de estar preparado para poder acompanhar todo esse processo. A escola tem papel fundamental, pois propicia ao aluno oportunidades de

aprender, descobrir, investigar para que ele possa desenvolver-se social e intelectualmente, formar juízo e pensamento crítico, experimentar a liberdade de pensamento. Infelizmente nem todas as escolas estão preparadas para esse funcionamento, pois trabalham com sistema de promoção do aluno fundamentado em testes e provas. Não avaliam nem o trabalho do professor, muito menos o conhecimento construído pelo aluno, e este é julgado e premiado ou punido desconsiderando o processo de formação.

O professor precisa estar atento e avaliar seu trabalho constantemente para motivar e incentivar o aluno a estudar com o intuito de aprender e não de estudar em função de nota. O estudante deve aprender pelo prazer de descobrir as novidades, de entender a importância de estudar e para perceber que o que se aprende é pouco, visto que vivemos num mundo globalizado e tecnológico, onde as coisas evoluem com muita velocidade.

De fato, o que ocorre é que, sob uma aparente sistematização, há uma grande descontextualização entre o que os professores alegam e o que a escola oferece. Os professores alegam que o programa oficial é conteudista, preparando o aluno conforme o que é exigido em concursos e exames de vestibulares. Os alunos não sabem por que estudam e não veem sentido na escola. Os procedimentos são mecânicos com intuito de tirar uma boa nota na prova, sem nenhum interesse em aprender, em pesquisar, porque os alunos sabem que, independentemente de saber ou não, atingir a média é suficiente para concluir o ensino sem se dar conta do prejuízo que levam consigo. O que a escola precisa entender é que a função dela na sociedade não é formar técnicos, mas sujeitos para o mundo.

O que mais se ouve dizer a respeito disso é que os adolescentes terminam o ensino médio sem saber interpretar bem um texto e fazer uma boa produção textual, mostrando pouco conhecimento de vocabulário. Isso causa uma grande confusão para o aluno que fica dividido entre saber a gramática da língua e saber usá-la apropriadamente para expressar-se bem. A prova disso é que os professores de outras disciplinas cobram o tempo todo dos professores de língua portuguesa o porquê de os alunos não saber expressar-se oralmente ao apresentarem trabalhos, terem dificuldades de interpretar enunciados em avaliações e não escreverem bem textos dissertativos.

Isso tudo acontece porque a escola desconhece a realidade linguística do aluno, que o aluno aprende a falar de acordo com a variedade do português própria de sua comunidade, ignorando a variação linguística.

2. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)

Os PCNs foram elaborados pelo MEC em 1998 para auxiliar o professor no processo educacional. Eles trazem orientações e sugestões para a prática na escola, aproximando o que se ensina na sala de aula com o mundo atual, proporcionando aos alunos acesso ao conhecimento, preparando-os para um mundo competitivo.

Os PCNs têm como objetivos que os alunos consigam utilizar as diferentes linguagens como meio para produzir e expressar suas ideias. Que os alunos saibam questionar e utilizar diferentes fontes de informações e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos.

Os PCNs propõem orientações gerais para uma reorganização na elaboração de propostas didáticas para auxiliar escola e professores a formar cidadãos. Também propõem adaptar os conteúdos a uma nova realidade, porque o mercado de trabalho, os costumes e a escola já não são os mesmos. Se a forma como a sociedade vê alguns temas vem se transformando, o ensino na sala de aula também precisa se atualizar.

As propostas de reformulação do ensino de Língua Portuguesa trazem um respeito maior à diversidade social e regional dos alunos, tentando encontrar um caminho para democratizar o ensino. Entre as críticas em relação ao ensino tradicional destacavam-se a desconsideração da realidade e dos interesses dos alunos, o ensino descontextualizado associado a exercícios mecânicos. O ensino que até então parecia adequado aos alunos, já que falavam uma variedade linguística próxima da variedade padrão e semelhante às que ofereciam em livros e textos didáticos, precisa evoluir acompanhando os avanços nas áreas de educação, principalmente no que se refere à aquisição da escrita.

Por isso, se faz necessária uma revisão nas práticas de ensino da língua portuguesa, com intuito de orientar quanto à admissão das variedades linguísticas próprias dos alunos. Também se faz necessário um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural, com a responsabilidade de garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos.

As práticas se diferenciam historicamente e depende das condições da situação comunicativa. Hoje, por exemplo, a conversa informal não é a mesma, tanto em relação ao assunto quanto à forma de dizer, por conter características específicas do momento; o mesmo se pode dizer sobre o conteúdo e a forma dos gêneros de texto escrito.

Segundo os PCNs, para que ocorra o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa, como prática pedagógica, necessita-se de três variáveis: o aluno, os conhecimentos de linguagem e a mediação do professor. O aluno é o sujeito da ação de aprender, aquele que age com o objeto de conhecimento; o objeto do conhecimento são os conhecimentos linguísticos implicados nas práticas de linguagem; e o professor é o que organiza a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento.

Ao professor cabe planejar e dirigir as atividades com o objetivo de orientar os alunos a garantir a aprendizagem em inúmeras situações sociais que encontram fora da escola, por exemplo, a busca do primeiro emprego. Dessa forma, a escola contribui propondo situações didáticas nas quais os alunos possam interagir, pois para muitos alunos, a escola é o único espaço que propicia acesso a textos diversificados e que tenta aproximá-los de gêneros que fazem parte da realidade social, só assim a gramática ensinada não seria de forma descontextualizada, porque depende da forma como ela é ensinada e para qual finalidade.

Os alunos precisam compreender que a língua vive em constante transformação. Varia de época, de região, de classe social, de profissões. Dependendo da situação, o usuário pode empregar diferentes variedades linguísticas. O usuário da língua a emprega de acordo com as características específicas do contexto, da intenção, da região, dos fatores sociais, da faixa etária, da profissão, do nível de escolaridade.

Para garantir que ocorra o processo de ensino aprendizagem, a escola como um todo precisa compreender que não basta saber falar e escrever, é preciso dominar a linguagem para participar da vida do bairro, da cidade e do país. A escola como entidade de ensino precisa livrar-se de muitos mitos como, por exemplo, de que existe uma forma correta de falar, pois os alunos chegam à escola com variedades linguísticas diferentes. O que deve ser levado em consideração é a adequação ao contexto e a relação comunicativa estabelecida entre o emissor e o receptor da mensagem.

A escola precisa proporcionar momentos de reflexão para que o aluno tenha condições de escolher a forma de falar e de escrever, utilizando os recursos e os estilos em diferentes situações comunicativas. E que essa tarefa não seja responsabilidade apenas da aula de Língua Portuguesa, mas também das demais disciplinas, porque a compreensão depende do conhecimento que o leitor tem sobre o tema e da familiaridade que tenha construído com a leitura. O professor precisa ser mediador durante esse processo, produzir esquemas, resumos que orientam a compreensão dos textos, deverá organizar planos de

aulas com atividades que possibilitam a utilizar a linguagem na produção de textos orais e escritos.

O ensino de Língua Portuguesa deve se dar num espaço em que as práticas de uso da linguagem sejam compreendidas, não desmerecendo de como os falantes desenvolvam essa competência. O texto produzido pelos alunos, seja oral ou escrito, permite identificar os recursos linguísticos que eles já dominam e os que precisam aprender a dominar. Para estruturar a experiência construída em várias áreas do conhecimento, os alunos precisam conhecer e valorizar as diferentes variedades da Língua Portuguesa e reconhecer a linguagem de seu grupo social.

A prática de leitura de texto, por exemplo, feita por diferentes alunos, em um mesmo momento ou em momentos diferentes não se dá da mesma maneira. Da mesma forma, a leitura feita por alunos de idades diferentes supõe conhecimento de mundo e experiência que podem ou não estar presentes. É preciso considerar que os alunos desenvolvem um tipo de comportamento e valores de acordo com a identidade e o lugar onde estão inseridos na sociedade. Com isso, eles são capazes de perceber que as formas da língua apresentam variação e que determinadas expressões podem ser apropriadas para certas circunstâncias e em outras não.

O professor é uma referência para os alunos, principalmente se for, de fato, usuário da língua, tendo boa relação com a leitura, além de ensinar, mostra a relação que tem com os textos e o valor que a linguagem tem de possibilitar o acesso a usos da linguagem mais formalizados, porque ensinar a língua não significa trabalhar a capacidade de falar em geral, significa desenvolver o domínio dos gêneros.

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho de compreensão e interpretação do texto. A partir de seu conhecimento sobre o assunto, um leitor assíduo sabe selecionar textos que podem atender a suas necessidades, consegue identificar, a partir do que está escrito, elementos que estabelecem relações entre outros textos.

Segundo os PCNs a avaliação deve realizar-se num espaço em que seja considerado aquele que ensina aquele que aprende e a relação que se estabelece entre todos os participantes do processo de aprendizado; portanto, não se aplica apenas ao aluno, mas implica avaliar também o ensino oferecido. A escola deve ser o espaço de desenvolvimento da capacidade intelectual dos alunos, oferecendo-os condições de aperfeiçoamento.

3. A variação linguística em livros didáticos de Língua Portuguesa

A escola enquanto entidade de ensino se preocupa em apresentar a norma culta para os alunos e para auxiliá-la utiliza livros didáticos como ferramenta de ensino nesse processo de aprendizagem. Por isso se faz necessário revisar, analisar e escolher o livro que melhor atenda as necessidades dos alunos, para que conteúdo e realidade façam parte desse processo, porque o que está nos livros são informações, elementos a serem selecionados, não é conhecimento. É insuficiente trabalhar só com o que está nos livros, é preciso mais.

Embora alguns livros didáticos abordem o tema da variação linguística de forma superficial, outros títulos exploram o assunto mais profundamente, apresentando vários exemplos claros e objetivos, facilitando o entendimento dos alunos neste processo.

Cabe ao professor mostrar ao aluno as diferenças entre a variedade padrão, língua padrão ou norma culta e a variedade não padrão ou língua não padrão. E o aluno perceba que não existe uma única forma de expressão.

3.1 Livro Linguagem Criação e Interação (7º ano)

A coleção traz em cada unidade atividades variadas relacionadas aos temas que serão desenvolvidos, o aluno terá oportunidades de manifestar seus conhecimentos e tirar dúvidas quanto ao conteúdo apresentado.

Na unidade 1, as autoras Cássia de Souza e Márcia Cavéquia trabalham as questões textuais e apresentam as variedades de uso da língua. Iniciam com uma discussão sobre se existe uma maneira correta e uma maneira incorreta de falar, para que os alunos possam interagir dando sua opinião.

Depois comentam as diferenças na fala das pessoas, e essas ocorrem devido a diferentes fatores, seja de classe ou grupo social a que pertencem, idade ou região do país onde moram. A essas e outras diferenças existentes, no modo como as pessoas falam um mesmo idioma, dá-se o nome de variação linguística. Logo em seguida propõem atividades que envolvem essas variações. Apresentam um texto – A entrevista - em que dois falantes possuem maneiras diferentes de falar. Exemplo:

- [...] – Estado civil?
- Vô dizê umas coisa pro senhô, seu moço; esse negócio de política, eu não entendo não.
- Não é política não, seu Durvalino. Eu quero saber se o senhor é casado.
- Ah, bão! Pra lhe falá a verdade, sou, sim senhô, de paper passado e tudo. Tá lá a Conceição que num me deixa menti.

- Não é preciso comprovar, seu Durvalino, sua palavra basta. O senhor possui prole?

- Bão, seu moço, prole das grande eu num possuo não. Se o senhô oiá dereito, pode vê que meu sítio é dos pequenininho, tá mais pra prolezinha mesmo, sim senhô.

- Desculpe, seu Durvalino, eu vou ser mais claro. O senhor possui filhos?

- Ah! Prole é fio? [...]

Quando você discutiu com seus colegas sobre a existência ou não de uma maneira correta e outra incorreta de falar, provavelmente as opiniões foram variadas. Em relação a essa questão, é importante compreender que o modo de falar de cada pessoa varia devido a alguns fatores, como já foi dito anteriormente. Pensar que só existe uma forma de falar considerada correta (a variedade urbana de prestígio social ou norma culta padrão) não corresponde à verdade. As várias maneiras de falar não são melhores nem piores; apenas diferentes. Toda variedade da língua portuguesa possui o seu valor no contexto em que ocorre.

Respeitar o modo de falar de cada pessoa é importante. Além disso, conhecer as diferentes formas de linguagem é necessário para que não fiquemos tal qual seu Durvalino: sem compreender a mensagem, ou como Mariovaldo: sem saber como se fazer entender. (p. 27)

Percebe-se que as autoras através do texto - A entrevista – mostram que os falantes possuem maneiras diferentes de falar. E que estas maneiras não estão corretas ou incorretas. Precisa-se na verdade é respeitar o modo de falar de cada pessoa e conhecer as diferentes formas de linguagem.

Na unidade estudo do texto o aluno tem a oportunidade de interpretar e compreender o que leu, ampliando seu vocabulário; conseqüentemente, isso auxilia na produção escrita. Em algumas unidades são apresentados textos extras e questões que objetivam ajudar o aluno a reavaliar seu texto a fim de melhorá-lo.

Na unidade de produção oral, destinada ao trabalho com a linguagem oral, discussões, debates, entrevistas, etc., as autoras trazem exemplos de textos para auxiliar os alunos na hora da produção, proporcionando momentos de integração entre os alunos, de forma que os mesmos adquiram conhecimento e posicionem-se diante dos assuntos abordados.

3.2 Livro Linguagem Criação e Interação (9º ano)

As autoras Cássia de Souza e Márcia Cavéquia abordam novamente o conteúdo sobre variação linguística na unidade 3. Através de fragmento do texto “O capitão Rodrigo” (“Quando entrei em Santa Fé, pensei cá comigo: Capitão, pode ser que vosmecê só passe aqui uma noite, mas também pode ser que passe o resto da vida...”) iniciam um

debate sobre alguns termos utilizados no texto, explicando que, com o decorrer do tempo, a língua passa por transformações. E cita um como exemplos os livros, as revistas e jornais antigos que apresentam palavras com grafias diferentes das quais conhecemos hoje.

As autoras também trabalham com o texto “Antigamente”, de Carlos Drummond de Andrade, como exemplo de que existem palavras e expressões usadas em determinado período e que, com o passar do tempo, entram em desuso.

Antigamente, as moças chamavam-se *mademoiselles* e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. [...] (p. 64)

Com o texto, além de trabalhar a questão das palavras e expressões usadas em determinado período, pode-se mostrar que a língua é dinâmica, está sempre se modificando. Que a linguagem está em constante variação, porque acompanha as mudanças, ou seja, no caso do texto de Drummond ele compara a linguagem do passado com a de hoje.

Logo depois com um trecho da obra “Vidas secas”, de Graciliano Ramos, as autoras fazem uma comparação com o texto anterior para mostrar aos alunos o significado das palavras que desconhecem e os efeitos provocados pela escolha vocabular.

3.3 Livro Textos & linguagens (8ª série)

As autoras Márcia Simões e Maria Inês dos Santos abordam, na unidade 8, um único texto para trabalhar a questão da variação linguística: Tropeços – A graça e a lógica de certos enganos da fala - do cronista Ivan Ângelo, utilizam, para isso, questões de entendimento do texto. Esta maneira de abordar o assunto, para o aluno, se não tiver a interferência do professor, fica algo vago, sem sentido, pois o aluno necessita de explicações, de esclarecimentos para conhecer as diferentes formas de linguagem e entender que este texto apresenta um problema de linguagem e não de variação linguística. Conforme exemplo da figura 1.

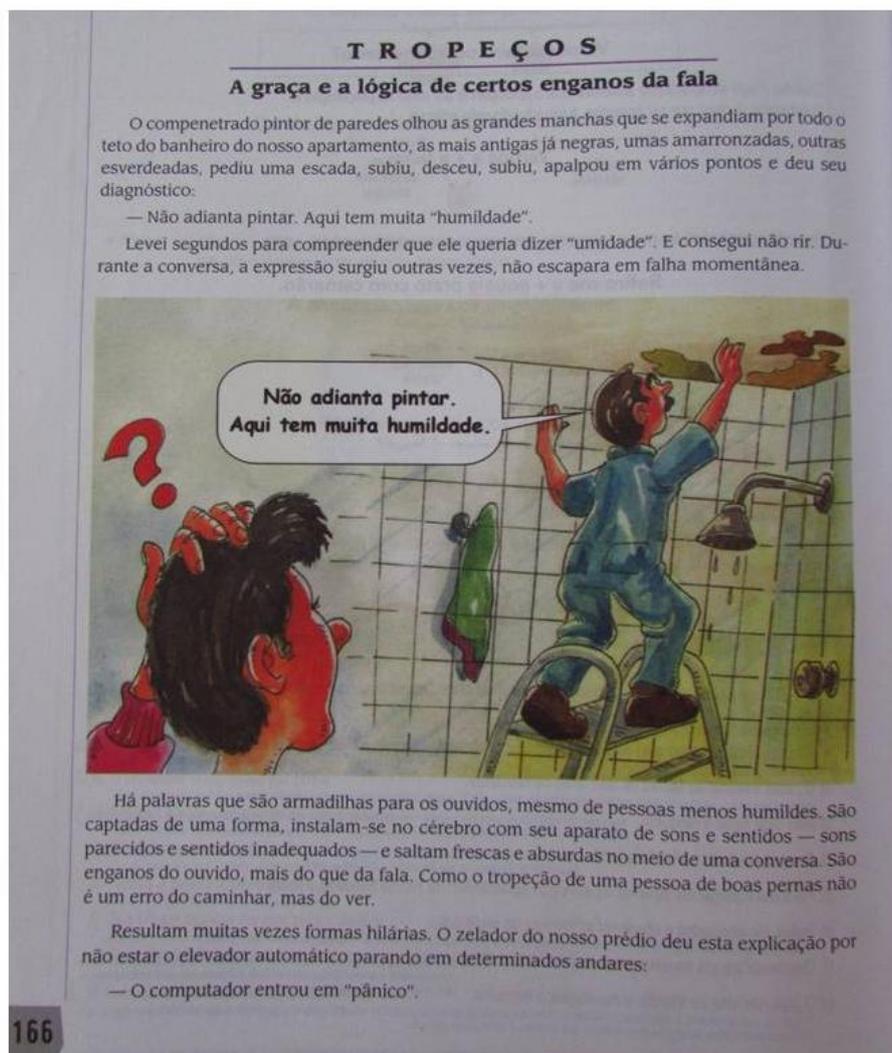


Figura 1: página 166 do livro Textos & linguagens

3.4 Livro Português Linguagens (6º ano)

Os autores William Cereja e Thereza Magalhães começam explorando o mundo da fantasia através de textos fantásticos, com os quais abordam linguagem verbal e linguagem não verbal, a língua e os códigos. Depois, na unidade 1, capítulo 2, os autores introduzem o assunto sobre variação linguística por meio de histórias em quadrinho de Chico Bento e Rosinha, de Mauricio de Sousa. Nessa tira eles são namorados e, por viverem na roça, falam o “dialeto caipira”, isto é, um português diferente daquele que é usado em outros lugares. Os autores escolheram a tirinha porque nela Mauricio de Sousa mostra através da personagem características de um menino que vive na roça e a fala que ele utiliza. Conforme exemplo da figura 2.



Figura 2: página 44 do livro Português Linguagens

Após a tirinha, o capítulo apresenta questões de entendimento do texto, conceito sobre o que é “dialetos” que é uma variante regional da língua. A variação pode se dar no vocabulário, na pronúncia e até no significado das palavras. A língua sofre variações dependendo da localização geográfica, e também pode apresentar outras variações decorrentes de outras causas, como idade ou profissão.

Os autores comentam que o gramático Evanildo Bechara ensina que é preciso ser “poliglota de nossa língua”, quer dizer, uma pessoa que fala várias línguas. No caso de português, significa ter domínio do maior número possível de variedades linguísticas e saber utilizá-las nas mais diferentes situações. Mostram também outros tipos de variação, o uso da língua em situações de oralidade/escrita, formalidade/informalidade, e comentam sobre as gírias onde e por quem são usadas. Exemplo figura 3.



Figura 3: página 47 do livro Português Linguagens

Em seguida, com o poema “Drome, minininha!”, de Sérgio Capparelli, os autores orientam os alunos para que esta atividade seja feita oralmente, para perceberem que o poema lembra uma conhecida canção de ninar e se foi empregada à variedade padrão da língua ou a variedade não padrão da língua. E os alunos identifiquem as formas utilizadas e quais seriam as correspondentes na variedade padrão escrita. Exemplo figura 4.

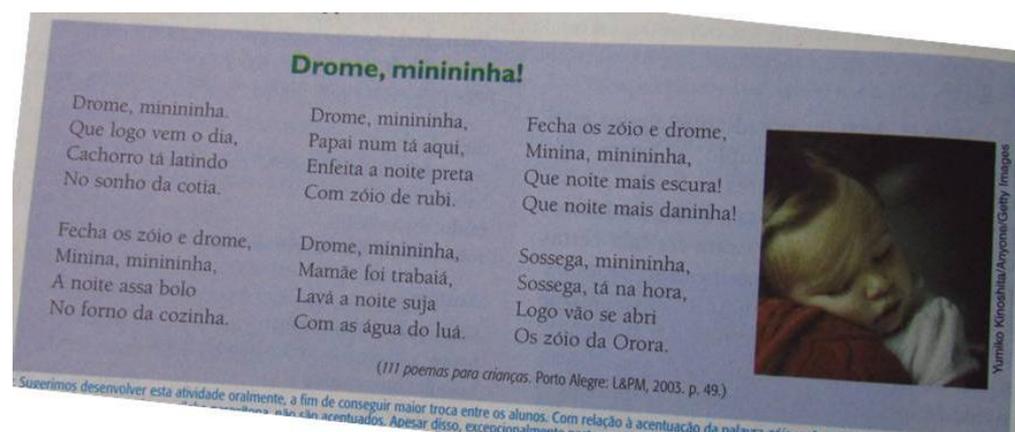


Figura 4: página 48 do livro Português Linguagens

Pode-se também mostrar que, em algumas variedades não padrão, a letra -r do final de algumas palavras terminadas em -ar, -er e -ir desaparece, como ocorreu em lavá, trabaíá, luá e abri, para saber se os alunos conseguem perceber por que isso acontece.

Aos poucos os alunos vão se familiarizando com o conteúdo e compreendendo todo o processo.

Na construção do texto os autores trabalham com o texto *Pechada*, da revista Nova Escola de maio de 2001, para explicar as variedades linguísticas de cada região. Explicam que todos falam português, e o que varia é a pronúncia, mas que a língua é uma só. No texto o que chama a atenção é a forma diferente de a personagem falar. Outro ponto que os autores trabalham é que no texto a professora corrige a fala da personagem para que a mesma fale na variedade padrão e mostra que mesmo a personagem falando diferente se fez entender pelo contexto.

Em outra atividade, com cartum de Santiago, as autoras mostram através da história, com as personagens Caminha e o Índio, que eles são falantes da língua portuguesa; contudo, há diferenças na linguagem das personagens, pois falam variedades linguísticas diferentes.

Com a anedota de Ziraldo, os autores mostram que falta entendimento entre as personagens pai e filho, porque o filho utiliza gírias e o pai fica escandalizado. Sugerem como atividade que os alunos conversem com seus pais e com seus avós e informem sobre quais gírias eram utilizadas no tempo em que eles eram crianças e adolescentes e quais foram incorporadas ao vocabulário da língua deixando de ser gíria. Exemplo figura 5.

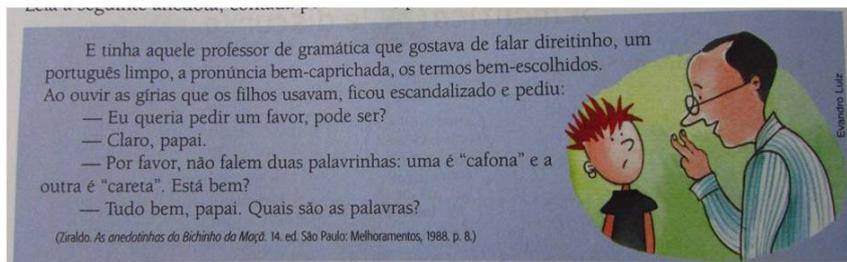


Figura 5: página 52 do livro Português Linguagens

Encerram o capítulo com uma explicação sobre variedade padrão, comentando o ponto de vista de dois grandes autores, Arnaldo Niskier, presidente da Academia Brasileira de Letras, diz que a classe dita culta mostra-se displicente em relação à língua nacional, e a indignação vocabular tomou conta da juventude e dos não tão jovens assim, quase como se aqueles se orgulhassem de sua própria ignorância e estes quisessem voltar no tempo. Esse ponto de vista, contudo, não coincide com o de alguns linguistas e estudiosos, como Luiz Carlos Travaglia, que afirma: não há Português certo e errado: todas as variedades são igualmente eficazes em termos comunicacionais, nas situações em que são de uso esperado e apropriado. O que há na verdade são modalidades de prestígio e modalidades desprestigiadas em função do grupo social que as utiliza. E finalizam deixando uma pergunta: E você, o que pensa disso? Somente a variedade padrão é que deve ser prestigiada? Troque ideias com os colegas.

3.5 Livro Português Linguagens (1º ano do ensino médio)

Os autores William Cereja e Thereza Magalhães tornam a abordar o conteúdo sobre variação linguística com o debate leitura – prazer e a importância dos livros na vida das pessoas. Numa época em que a Internet, o mercado de DVDs, os videogames e os inúmeros canais de TV por assinatura oferecem tantas opções de entretenimento e diversão, fica difícil falar de livros como fonte de prazer. Exemplo figura 6.

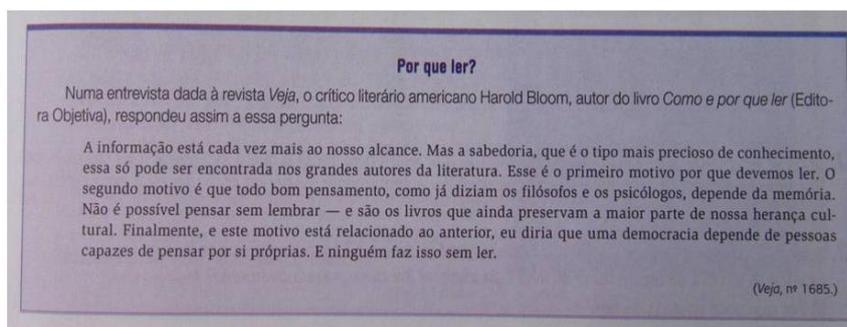


Figura 6: página 11 do livro Português Linguagens

Depois, continuam explicando o que é literatura, estilos de época, gêneros do discurso, linguagem, comunicação e interação, linguagem verbal e linguagem não verbal, códigos e por fim as variedades linguísticas. Os autores comentam que cada pessoa começa a aprender a língua em casa, em contato com a família e com as pessoas que os cercam. E o contato com outras pessoas, na rua, na escola, no trabalho se observa que nem todos falam do mesmo jeito. Exemplo figura 7.



Figura 7: página 39 do livro Português Linguagens

Explicam o conceito de variedade padrão e variedade não padrão e comentam que, apesar de haver muitos preconceitos sociais em relação à variedade não padrão, todas as variedades são válidas e têm valor nos grupos em que são usadas. Contudo, em situações sociais que exigem maior formalidade - por exemplo, uma entrevista de emprego, um requerimento, uma notícia jornalística, uma exposição pública, uma redação num concurso -, a variedade linguística esperada é a padrão; por isso, é importante dominá-la. Exemplo figura 8.



Figura 8: página 40 do livro Português Linguagens

Os autores explicam o que é dialetos e registros. Os dialetos são variedades originadas das diferenças de região ou território, de idade, de sexo, de classes ou grupos sociais e da própria evolução histórica da língua. E mostram o texto escrito pelo poeta Xanana Gusmão, do Timor Leste (Oceania), como um exemplo de variação territorial. Já as variações que ocorrem na fala ou na escrita de uma mesma pessoa conforme a situação de comunicação seja mais ou menos formal são chamadas de registros.

Assim como explicam no livro do ensino fundamental, os autores voltam a abordar o conteúdo sobre as gírias, porém agora com outros exemplos. Figura 9.

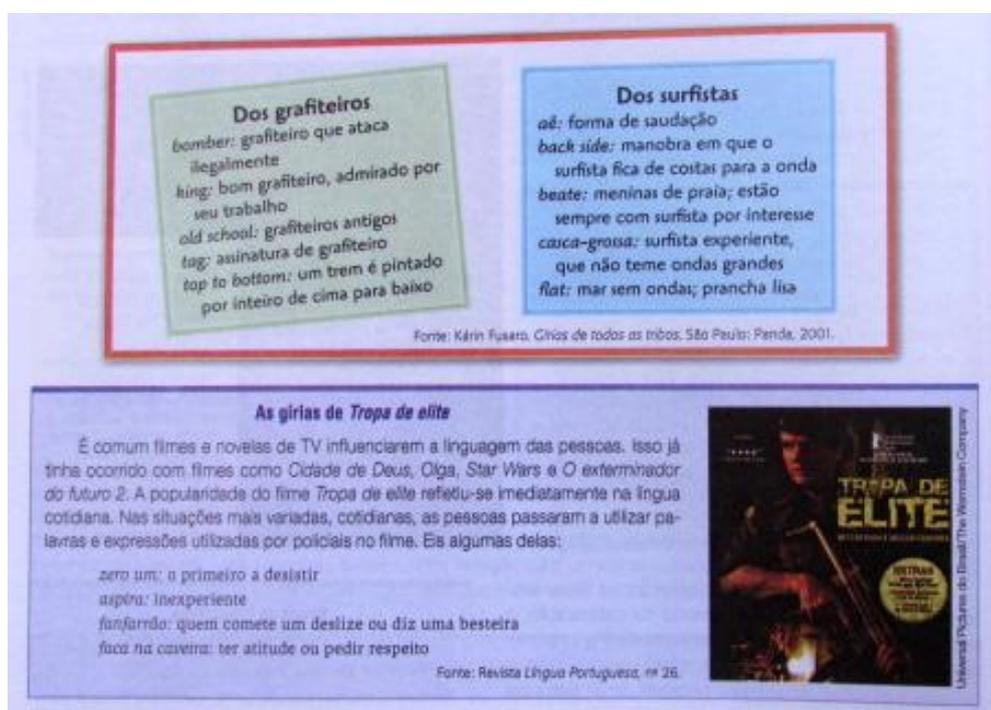


Figura 9: página 42 do livro Português Linguagens

Apresentam o trecho de uma carta de amor escrita por Olavo Bilac, poeta brasileiro que viveu entre o final do século XIX e o início do século XX, exemplo de como as declarações amorosas eram feitas na época. Exemplo figura 10.

é o caso de *cuzinha, tomiano, parecenim* e outras.

2. Leia o trecho de uma carta de amor escrita por Olavo Bilac, poeta brasileiro que viveu entre o final do século XIX e o início do século XX.

Excelentíssima Senhora. Creio que esta carta não poderá absolutamente surpreendê-la. Deve ser esperada. Porque V. Excia. compreendeu com certeza que, depois de tanta súplica desprezada sem piedade, eu não podia continuar a sofrer o seu desprezo. Dizem que V. Excia. me ama. *Dizem*, porque da boca de V. Excia. nunca me foi dado ouvir essa declaração. Como, porém, se compreende que, amando-me V. Excia., nunca tivesse para mim a menor palavra afetuosas, o mais insignificante carinho, o mais simples olhar comovido? Inúmeras vezes lhe pedi humildemente uma palavra de consolo. Nunca a obtive, porque V. Excia. ou ficava calada ou me respondia com uma ironia cruel. Não posso compreendê-la: perdi toda a esperança de ser amado. Separemo-nos. [...]



Emile Munier, Carta de amor.

Figura 10: página 43 do livro Português Linguagens

Com um texto de humor da Internet que retrata várias cenas de assalto, os autores mostram que cada cena de assalto situada em um Estado ou região diferente do país, a fala do assaltante tem sempre o mesmo conteúdo, enquanto o uso da linguagem muda de uma situação para outra. Além da linguagem, o texto também revela comportamentos ou hábitos que caracterizam o povo. Exemplo figura 11.

As variedades linguísticas na construção do texto

O texto de humor que segue foi veiculado na Internet. Leia-o e responda às questões propostas.

Assaltante nordestino
— Ei, bichim... Isso é um assalto... Arriba os braços e num se bula nem faça muganga... Arrebola o dinheiro no mato e não faça pantim se não enfiar a peixeira no teu bucho e boto teu fato pra fora! Perdão, meu Padim Ciço, mas é que eu tô com uma fome da moléstia...

Assaltante mineiro
— Ô, sô, prestenção... Isso é um assalto, uai... Levanta os braços e fica quieto que esse trem na minha mão tá cheio de bala... Mió passá logo os trocado que eu num tô bôo hoje. Vai andando, uai! Tá esperando o quê, uai!!

Assaltante gaúcho
— Ô, guri, fica atento... Bah, isso é um assalto... Levantas os braços e te aquietas, tchê! Não tentes nada e cuidado que esse facão corta uma barbaridade, tchê. Passa as pilas pra cá! E te manda a la cria, senão o quarenta e quatro fala.

Assaltante carioca
— Seguinte, bicho... Tu te deu mal. Isso é um assalto. Passa a grana e levanta os braços, rapá... Não fica de bobeira que eu atiro bem pra... Vai andando e, se olhar pra trás, vira presunto...

Assaltante baiano
— Ô, meu rei... (longa pausa) Isso é um assalto... (longa pausa). Levanta os braços, mas não se avexe não... (longa pausa). Se num quiser nem precisa levantar, pra num ficar cansado... Vai passando a grana, bem devagarinho... (longa pausa). Num repara se o berro está sem bala, mas é pra não ficar muito pesado... Não esquenta, meu irmãozinho (longa pausa). Vou deixar teus documentos na encruzilhada...

Assaltante paulista
— Orra, meu... Isso é um assalto, meu... Alevanta os braços, meu... Passa a grana logo, meu... Mais rápido, meu, que eu ainda preciso pegar a bilheteria aberta pra comprar o ingresso do jogo do Corinthians, meu... Pô, se manda, meu...

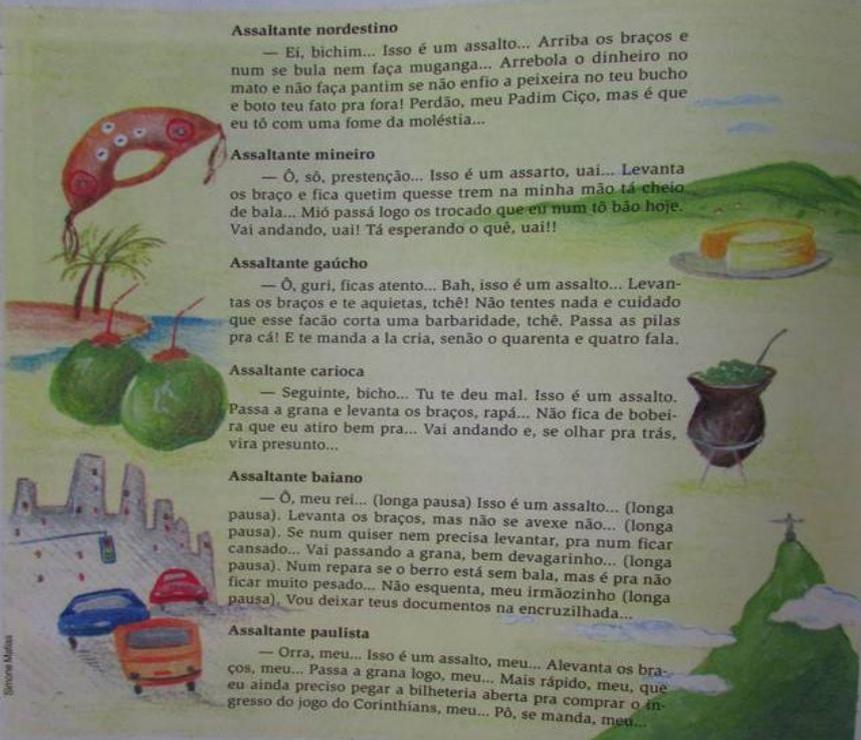


Figura 11: página 44 do livro Português Linguagens

Encerram o capítulo comentando sobre a importância de reconhecer a existência de uma diversidade linguística no país e admitir que todas as variedades têm seu valor ou são adequadas em suas comunidades de origem.

Considerações Finais

Este artigo revela que a falta de habilidade que certos alunos demonstram em relação à forma escrita da língua é consequência de vários fatores que as influenciam. Diante disso, para ser considerado um bom escritor, o aluno precisa ter o domínio de várias competências, conhecimentos sobre ortografia e práticas contínuas inseridas textualmente.

Diferentemente da fala, a escrita surge de um processo de aprendizagem formal e requer procedimentos pedagógicos e prática contínua. Não há certo ou errado no uso da língua, o que há na verdade é uma forma adequada ou inadequada de usar a linguagem num determinado contexto.

Constatou-se a importância de abordar e trabalhar com os alunos o conteúdo sobre variação linguística como objeto e objetivo do ensino de língua, para que os alunos se familiarizem com essas diversidades e acima de tudo que a compreendam.

Quanto aos PCNs, eles orientam para uma prática pedagógica voltada para a diversidade linguística e que o professor precisa ser mediador para que o aluno compreenda o processo de aquisição de linguagem. Importante também mostrar ao aluno que a língua é dinâmica, está sempre em processo de mutação, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferenciados.

Constatou-se que os livros didáticos apresentam os conteúdos sobre variação linguística de modo superficial porque seus exemplos não são acompanhados de aplicabilidade efetiva, simplificando de forma substancial o seu entendimento, enquanto outros utilizam vários exemplos, simplificando o entendimento.

O resultado é de que não basta os livros apresentarem os conteúdos de variação linguística, é preciso que haja aplicação efetiva entre esse conhecimento linguístico e a prática que contemple o mundo de referência do aluno.

Finalizando, para obterem um excelente resultado, os alunos precisam de muita prática no dia a dia em sala de aula ou fora dela, para que se familiarizem com a escrita e consigam expor sua linha de raciocínio sem prescindir da norma padrão ou culta de sua língua.

Referências

- BAGNO, M. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.
- BRITTO, L. P. L. A sombra do caos: ensino de língua versus tradição gramatical. Campinas: Mercado de Letras, 1997.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização & Linguística. 5ª ed. São Paulo: Scipione, 1992.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português: linguagens, 6º ano. 5ª ed. São Paulo: Atual, 2009.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português: linguagens, volume 1. 7ª ed. São Paulo: Atual, 2009.
- DACANAL, José Hildebrando. Linguagem, poder e ensino da língua. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- MORAES, Ângela. Contribuições da linguística para uma didática do texto escrito. São Paulo: ECA – Revistas USP, 2005.
- PERINI, Mário A. Para uma nova gramática do português. São Paulo: Ática, 1999.
- SIMÕES, Márcia de Benedetto Aguiar; SANTOS, Maria Inês Candido dos. Textos & linguagens, 8ª série. São Paulo: Escala Educacional, 2005.
- SOUZA, Cássia Leslie Garcia de; CAVÉQUIA, Márcia Paganini. Linguagem: criação e interação: 7º ano. 7ª ed. São Paulo: Saraiva, 2010.
- SOUZA, Cássia Leslie Garcia de; CAVÉQUIA, Márcia Paganini. Linguagem: criação e interação: 9º ano. 7ª ed. São Paulo: Saraiva, 2010.
- http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12598%3Apublicacoes&Itemid=859 - Acesso em: 13//01/2014
- http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12657%3Aparâmetros-curriculares-nacionais-5o-a-8o-series&catid=195%3Aseb-educacao-basica&Itemid=859 - Acesso em: 13/01/2014